PQ9697
.A35
P6
1926

POEMAS REBELDES

POEMAS-REBELDES
VOL. COPY
PARTI L n LE

THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA
AT CHAPEL HILL

LUX
LIBERTAS

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

PQ9697
.A35
P6
1926

a 00003 849884

This book is due at the WALTER R. DAVIS LIBRARY on the last date stamped under "Date Due." If not on hold it may be renewed by bringing it to the library.

DATE DUE	RET.	DATE DUE	RET.

Form No. 513,
Rev. 1/84

Murillo Araujo

MODESTO DE ABREU

Poemas Rebeldes

J'ai donc mis des rayons dans un livre inclément;
J'ai soulevé du mal l'immense et triste voile;
J'ai violé la nuit pour lui faire une étoile.

VICTOR HUGO.

1926
RIO DE JANEIRO

MODESTO DE ABREU

PQ9697
.A35
P6
1926

Ao Murillo Araujo — cujo idealismo de magnifico e suave Poeta vae ser profundamente abalado com a leitura destes versos demolidores — Homenagem de Eloderico Mathias

c
MVF

Poemas Rebeldes

Rio, 15-6-926.

J'ai donc mis des rayons dans un livre inclément;
J'ai soulevé du mal l'immense et triste voile;
J'ai violé la nuit pour lui faire une étoile.

VICTOR HUGO.

UNIVERSITY OF NORTH CAROLINA
PROPERTY OF
LIBRARY
AT CHAPEL HILL

1926
RIO DE JANEIRO

Do Autor

JUVENTUDE — versos, 1922.

POEMAS REBELDES — versos, 1926.

POEMAS DO RISO E DA DÔR — versos.

RAJADAS DE IDEAL — versos.

FRAGMENTOS DE ESTRELLAS — traducções.

ANALYSE LEXICA E SYNTACTICA — methodo pratico, em collaboração com o prof. Alcides Rosa.

DENTRO DA VIDA — contos, 1926.

EXHUMAÇÃO (TRES ANNOS DE IMPRENSA) — episodios da vida real.

FIGURAS E FACTOS — chronicas.

DO GENIO Á IMBECILIDADE.

PAIZ DE SELVAGENS.

O NOVO ESPIRITUALISMO E AS RELIGIÕES.

PALAVRAS QUE VÔAM.

PORQUE NÃO TEMOS THEATRO.

A BAHIA NÃO DÁ MAIS CÔCO — revista, 1920.

QUANDO O CORAÇÃO QUER — comedia, 1923.

O ULTIMO CREDOR — comedia.

POEMAS REBELDES

Se critica á los hombres de Pensamiento, ser pesimistas;

yo, no creo que haya pesimistas, sino veristas;

no se calumnia la Vida, juzgándola insoportable;

ante el horror de la Vida, el Pensamiento, tiene que ser pesimista...

VARGAS VILA.

O homem que, neste mundo miseravel,
Vive entre feras, sente inevitavel
Necessidade de tambem ser fera.

AUGUSTO DOS ANJOS.

APRESENTAÇÃO

Neste livro, ante vós, minh'alma se escancara
Sem pejo nem temor, com audacia e cynismo.
Ella sondou do mundo o cavilloso abysmo
E a pequenez humana insultou cara a cara.

Desses paúes ergueu-se enlameada. O optimismo
Com que no torvelim da vida se lançara
Perdeu-o. E só salvou das cinzas da coivara
O desdem pelo mundo, o tedio e o scepticismo.

Aos que soffrem lutando estes versos pertencem;
Aos que por gozos têm na vida acerbas penas
E sómente a poder de sacrificios vencem;

A'quelles que, como eu, queriam que essa corja
— A Humanidade — fosse uma cabeça apenas,
Para, de um golpe só, cortal-a pela gorja.

MESSALINA

Quanto mais te conheço, ó infame Humanidade,
Mais me enojo de ti, abjecta cortezã.
Bem mostras quanto és vil, repudiando a Verdade,
E quanto és torpe, tendo a Treva por irmã.

E's a prostituição, a lama. A iniquidade
Abriga-se em teu bojo, estulta barregã;
E's como a serpe indigna: estillas a maldade
E, em ti, a parte ruim devora a parte sã.

Quando, compadecido, em ti penso e deploro
Teus erros e perdôo os males que originas,
Vejo que, visionario, em engano laboro.

Sinto nauseas de ti; tal horror em mim geras,
Que prefiro viver entre as selvas andinas,
Longe de ti, feliz, na communhão das feras!

INVICTO

Penetrei na existencia — atroz flagicio —
Espinhos encontrando em vez de flores
E, espesinhado, o travo de amargores
Provei da vida, em meu cruel supplicio...

A taça das paixões, dos dissabores,
Exgottei até o ultimo resquicio:
Nas escarpas rolei do mal, do vicio,
Sem me queixar jamais de tantas dôres...

De face calma, o fado miserando
Acceitei. Padeci sem lenitivo,
Sem verter uma lagrima: cantando...

E hei de morrer assim, rebelde altivo
Que nunca um homem surprehendeu chorando,
Que nunca o mundo submetteu captivo.

ESTOICO

Ris, e, em teu riso, amarga um travo repulsivo;
E' um riso contrafeito: abrolha nelle o pranto
De quem quer represar um desgosto e, portanto,
Procura fazer crer que anda alegre e festivo.

Mas soffres, eu bem sei, e o teu martyrio é santo,
Alma estoica, de heróe, que, resignado e altivo,
Acceita o bem e o mal, enxergando um motivo
Para tanta miseria e desespero tanto.

E's ditoso no teu martyrio incomparavel:
Erra quem te julgar de venturas repleto,
Erra quem suppuzer que sejas miseravel.

A alegria e a tristeza occultando, discreto,
Tens o prazer de ser, ao mundo, indecifravel,
Sentindo a magua e o gozo em teu fôro secreto!

Bestemmiavano Iddio e i lor parenti,
L'umana spezie, il luogo, il tempo e il seme
Di lor semenza e di lor nascimenti.

DANTE.

O CHACAL

Voto um desdem profundo ao seculo em que vivo;
Este mundo servil e carola detesto.
Ao dogma, á escravidão, meu odio é manifesto;
Por toda a hypocrisia o meu nojo é instinctivo.

De todo culto ou credo o contagio é funesto;
A fé torna o homem mau, ignorante e nocivo.
Vejo no religioso um ente repulsivo
E em cada sacerdote um typo deshonesto.

O mal que assola o mundo é a propaganda infame
Que ainda agora se faz, desabaladamente,
Do papismo mendaz que a nossas portas brame;

Brame como um chacal á procura de um osso...
Ah! um novo Voltaire que viesse novamente
Para nos enxotar da porta esse molosso!

AO BURRO

Tens na ara de meu culto um altar consagrado:
Qual nume tutelar, adoro-te entre preces.
Pelos dotes moraes, mais que um santo mereces
Passar como beato e ser canonizado.

Cada passo dos teus, no mundo, é um postulado:
Pobre, cordato, humilde, a meus olhos pareces
Mais que um Vincent de Paul, e em meu conceito cresces
De tal sorte que, papa, eu dar-te-ia um bispado.

Caligula, o maluco, era um genio, um portento:
Só elle comprehendeu o alto merecimento
Da linhagem dos teus, ó philosopho austero!

Tua gloria é maior, á proporção que avulta
O desdem que te vota a humanidade estulta
A' qual és superior, porque és bom e sincero!

ICONOCLASTA

Desde pequeno, eu fui iconoclasta.
Achei sempre ridiculo, irrisorio,
Todo culto, farçante toda casta
De ritos. Vi que tudo era illusorio.

De um exemplo soccorro-me, e esse basta:
Havia em nossa casa um oratorio
Ao pé do qual, fronte serena e casta,
Agonizava um Christo merencoreo.

Tinha um projecto, em minha mente, fixo.
E um dia, a occultas, sorrateiramente,
Atirei ao fogão o crucifixo.

Constatei, consummando-se a heresia,
Que o idolo ardeu, queimou-se inteiramente,
Como qualquer pau impio queimaria.

Un hombre, que tiene muchos amigos, ha perdonado mucho, o tiene mucho que hacerse perdonar.

VARGAS VILA.

Chacun se dit ami ; mais fou qui s'y repose :
Rien n'est plus commun que ce nom,
Rien n'est plus rare que la chose.

LA FONTAINE.

SYMBOLO

Noutros tempos sorria-me a ventura
E, com ella, os amigos me cercavam:
Em torno á minha mesa se installavam,
Assiduos explorando-me a fartura.

Mas os ventos contrarios me assediavam
E eu me encontrei sósinho na amargura:
Como quem foge de molestia impura,
Os amigos de outrora me evitavam.

Porém, como a ventura, é transitoria
A desdita; e, com lutas reiteradas,
Cingi de novo a palma da victoria.

Voltaram meus amigos... Expulsei-os;
Corri-os porta a fóra, a bofetadas,
Na cara lhes cuspi e apedrejei-os!

AMIGOS...

Não te illudas: o mundo, onde vives sonhando,
E' uma choldra nojenta, um pégo abominavel.
Pois tu não vês, palerma, aquelle miseravel
Que se diz teu amigo e anda te atraiçoando?

Quem se mostra, comtigo, e em tudo, mais amavel?
Observa quanto é falso, infame, miserando,
Mesquinho e pulha, aquelle individuo execrando,
Cuja reputação julgas inatacavel...

Vives no mundo irreal do sonho e da chimera!
Aprende a repudiar os homens, comprehendendo
Que elles têm por virtude o instincto da panthera.

Prefere amar o abutre, o corvo, o verme immundo:
Chama amigo a um jaguar, a um tigre, a um monstro horrendo,
Mas foge da amizade hypocrita do mundo!

AO CÃO

Symbolizando a submissão odienta,
Bajulador, servil, sem dignidade,
Cão! és a escoria da animalidade,
Da humana é a tua sordidez parenta.

Taes virtudes te nota a sociedade,
Pois lhe és feito á feição torpe e nojenta,
Que por modelo aos homens te apresenta,
Excelso expoente de fidelidade.

Em ti se louva e exalça a covardia.
Trocas o arbitrio, a liberdade, ufano,
Por opulenta e escrava fidalguia.

Cada vez mais te nego o meu apreço
— Contrariando o philosopho germano —
Quanto mais o homem perfido conheço.

PRECITO

Aquelle que ali vae, cabisbaixo e vergado,
Impressos no semblante o cansaço e a descrença,
Insanamente amou, soffreu a extranha doença
De crer que o homem é bom e é, sendo bom, honrado.

Teve amigos e foi amigo; a magua immensa
Soffreu de supportar a ingratidão, e o fado
De se ver pelos seus amigos desprezado
Padeceu, vendo ruir seus castellos de crença.

Não podia ser outra, é logico, a colheita;
Quem nos homens confia e delles tudo espera
Labora em erro e a cruz do desengano acceita.

Feliz do que morreu sem lobrigar seu erro!
Feliz do que viveu num mundo de chimera,
Do que, vivo, não viu sair o proprio enterro!

LES MORTS VONT VITE

A' sombra do teu tecto bemfazejo
Iam buscar amparo os soffredores;
Não te faltaram vis aduladores,
Nem lhes faltou de procurar-te o ensejo.

Com apodos, desgostos, dissabores,
Pagaram muitas vezes o teu beijo,
E, em teu redor, fazendo-te cortejo,
Eram, ingratos! teus oppositores.

Veio a morte buscar-te, alma impolluta,
E só aquelles teus irmãos na luta
Foram levar-te á paz do ultimo porto.

Teus amigos... fugiram. O motivo?
E' que o homem vale muito emquanto é vivo,
E nada vale mais depois de morto.

Illusões, illusões que me embalastes,
Como eu vos vejo, uma por uma, em fuga...

FRANCO VAZ.

ILLUSÕES...

Chorae aquelle que se desillude;
Lastimae o que já, na flor dos annos,
O calice provou dos desenganos,
Victima imbelle de um destino rude;

Lamentae o que, em plena juventude,
Soffre do mundo pervertido os damnos
E em duros sacrificios sobrehumanos
Definha, sem achar quem quer que o ajude.

As illusões são d'alma o lenitivo.
Quem as perdeu padece mal sem cura
Sem attenuante nem derivativo.

De quem as perde é miseranda a sorte
E para remediar tanta amargura
Só ha um remedio que não falha: a Morte.

PAÇO DE CRYSTAL

No paço de crystal do Amor e da Ventura
Minh'alma se hospedou, como a alma de Quental.
Lobrigara-o fugindo ao desespero e á agrura
Que desabara em mim qual doido vendaval.

Mas tudo era mentira. A decepção foi dura.
Desvaneceu-se em meu coração essa ideal
Fantasia, ao notar que era uma furna escura
Da Ventura e do Amor o paço de crystal.

Ideal, Sonho, Esperança, Anceio, Amor... — vocabulos
Feitos para illudir; enganadores pabulos
São, para envenenar quem, faminto, os devora.

Desgraçado o mortal que os persegue e, sonhando,
Rasgando os pés, ferindo as mãos, sangue golfando,
Corre atrás da illusão pela existencia a fóra...

ESCALADA

Fui subindo, subindo a encosta verdejante;
Por diante ao meu olhar, soberba era a paisagem;
Havia, entre o rumor das frondes, branda aragem
E eu sentia da flor o perfume inebriante...

Cheguei ao cume, e o sol, a pino, flammejante,
Abrasava o caminho. Um enleio selvagem
De mim se apoderou... A descida, a voragem
Do nada, e a noite espessa, e o termo apavorante...

Descer, descer, no occaso horrivel da existencia,
Como o sol que transmonta e mergulha na treva...
Attingir o fastigio e entrar na decadencia...

Sentir-se, passo a passo, afundar no insondavel...
Oh! tristeza infinita! angustia hedionda e seva!
Oh! maldita illusão da vida miseravel!

Vós, ó semideuses do entremez da gloria,
Cesares, tyrannos, capitães, heróes...
.....
Não sois mais que larvas a tremer no escuro,
Que ninguem conhece, que eu em vão procuro,
Com meus olhos calmos, nesse mar de luz!

GUERRA JUNQUEIRO.

LOUCOS

Loucos! tentaes da gloria a soberba escalada?
Julgaes que podeis ser os novos Prometheus?
Como eu lamento a vossa estupidez provada
E o vosso desmedido orgulho de pygmeus!

Santos, virgens, heróes, martyres... ó sandeus!
Que a custo rastejaes na vida desgraçada,
Não exciteis jamais a vingança de Zeus;
Vossos sonhos e ideaes são fumo, poeira, nada...

A viver padecendo e morrer sem saudades,
Na ancia vã de alcançar a immorredoura chamma
Que alimenta a fatal vaidade das vaidades,

E' preferivel ter de vegetar, sem fama,
Sem brilho, sem trophéus, nem immortalidades,
Que são, no fundo, sempre, a mesma cousa: lama...

Odi profanum vulgus.

HORACIO.

MEU CREDO

Não dou satisfações ao publico inconsciente.
Da moral de ninguem nenhum conselho admitto.
Quero viver assim, altivo, independente,
Tendo um credo só meu, que eu mesmo delimito.

Sinto, dentro de mim, rolar perennemente
Um mundo extranho, um mundo exotico e infinito:
Sou um deus dentro delle e, nelle, ousadamente,
Com desdem o censor encaro, os Catões fito.

Não temo nem hesito, e defronto a verdade;
Sempre assumo a integral responsabilidade
Das acções que pratico á luz meridiana.

Entendo que fugir, com pavor, á evidencia,
Assim como querer guardar a conveniencia,
E' aviltar, conspurcar a dignidade humana!

A GRATIDÃO

Teu proceder censuram com dureza
E accusam-te de ingrato. E's um bandido
Por teres *ex-abrupto* repellido
A quem te houvera feito uma fineza...

A quem na vida te tiver valido
Deverás conservar tu'alma presa,
Sinão a sociedade, em raiva accesa,
Vir-te-á incommodar com seu ladrido.

Por teu arbitrio não escravizares,
Vês? a canzoada perseguiu-te em grita
E mordeu-te, raivosa, os calcanhares...

Na moderna moral, a gratidão
Constitue uma divida infinita
A pagar com a eterna escravidão.

REPTIS

Coileando pelo chão, papo em terra, de rojo,
Escabujando vae o animal repellente,
Cabeça a prumo, a bocca aberta, á mostra o dente,
Inspirando-nos medo e causando-nos nojo.

Sempre prompto a morder, si lhe surge na frente
Um ser vivo, elle, armando o salto e inchando o bojo,
Ataca-o, fere-o, corre e, á entrada do seu fojo,
A victoria do mal pompeia triumphalmente.

Como o immundo reptil, conheço homens diversos:
Perfidos, maus, crueis, delatores, perversos...
São de nullo intellecto e de moral pequeno.

Tem no craneo o reptil a glandula maligna;
Mas o traidor infame, essa vibora indigna,
No coração esconde a bolsa do veneno!

Fui rocha, em tempo, e fui, no mundo antigo,
Tronco ou ramo na incognita floresta...

ANTHERO DE QUENTAL.

DURA VERDADE

Sinto que venho de remotas éras
Onde lutei, bati-me insanamente,
Em mil pugnas, sentindo o peito ardente
Chammejar na explosão de mil crateras.

Sei que tive este ideal louco, demente:
— Abrir caminho aos seculos... (Chimeras!...)
E compellir os homens-bestas-feras
A' união pelo amor, fraternalmente.

Fui perseguido, odiado, combatido,
E na valla commum tombei, vencido,
Sob a affronta e o labéu da gente ingrata.

Renasci: para ter a atroz certeza
De que a alma humana — por brutal fereza —
Só ama a quem a odeia ou a maltrata.

Ningún hombre verdaderamente moral, es moralista; pero todos los inmorales, se creen en el deber de serlo.

VARGAS VILA.

A arte é absolutamente independente da moral.

RAMALHO ORTIGÃO.

EXPLICAÇÃO

Accusam-me de ser inconveniente,
Offensor do decoro e do recato:
Escrevo versos onde desacato
As convenções que adopta toda gente.

Não justifico minha acção. Combato,
Combaterei desapiedadamente
Quanto contrario ao que minh'alma sente
Se me offereça. Luto intimorato.

Si ás vezes uso a giria dos marujos
E me desbocco, a culpa não é minha:
Não ha termos e sim assumptos sujos.

Diz-me a consciencia que ha moral mais pura
Nos versos que o meu calamo escrevinha
Do que em certas passagens da Escriptura.

SENSUALISMO

Tu que me escutas, si és pudico e austero,
Tapa o ouvido, não ouças o que falo.
Teu pundonor, não quero melindral-o;
Tua candura macular não quero.

Experimento extraordinario abalo
Quando o gozo carnal, em ancias, quero:
Tenho os furores lubricos de Nero
E o sensualismo de Sardanapalo.

Nas veias sinto o ardente sangue helleno;
Fui satyro talvez, fauno — Sileno,
Entre oreidas e dryadas vivendo.

E dessa origem, num febril tumulto,
Resta-me ainda o voluptuoso culto
Do paganismo, no meu ser fervendo!

HONRA

Para lavar em sangue a honra ultrajada,
A mãe dos filhos teus eliminaste.
Do brio sujo a macula limpaste:
Podes andar de fronte levantada.

Leve tens a cabeça. Agora, em nada
Transtornam-te os *adornos* que arranjaste.
De que hedionda prebenda te livraste!
Fugiste á *confraria*, camarada!

Podes dizer ao mundo, abertamente,
Sem córar, que a infeliz adulterara
E a mataste, por isso, honrosamente.

E' assim que o mundo pune uma *deshonra*...
Como eu detesto a sociedade ignara
Que põe nos orgams genitaes a honra!

SALOMÉ

— Beijei a tua bocca, João Baptista!
Clama e, do espasmo na anciedade louca,
Lascivamente, a voz tremula e rouca,
Numa furia, de gana e gozo mixta,

Roja-se Salomé. Um beijo espouca
De quando em quando. Tetrica conquista!
Com voluptuosidade nunca vista,
Seus labios une áquella fria bocca.

Cae o crepe da noite sobre o ambiente:
A argentea salva ostenta do immolado
A cabeça. Ainda se ouve a voz plangente

Da princeza judia. Nem siquer
Um ésto. Herodes grita, horrorizado,
Aos soldados: — Matae essa mulher!

O vicio, meu amigo, é bom como a pimenta
E o defeito que tem é ser um pouco caro.

GUERRA JUNQUEIRO.

Cada homem dissimula em si um tragico carnaval.

FORJAZ DE SAMPAIO.

O VICIO

O vicio, meu amigo, é bom como a pimenta...
O fumante afugenta as maguas e as desditas,
Que se evolam nas mil espiras infinitas
Da fumaça que sóbe e se diffunde, lenta...

O ebrio afoga o pezar das torturas malditas
No alcool que as sensações mais crúas adormenta;
E o jogador, em cada excitação violenta
De um lance, experimenta emoções inauditas...

Produzem, na embriaguez, o opio, a coca e a morphina
Sonhos que vemos nós nos contos orientaes,
Volupias que nenhum inexperto imagina...

O vicio é de um sabor inestimavel, raro...
Deleita-nos, destróe nossos desgostos e ais...
— O defeito que tem é ser um pouco caro.

CONSELHO

Pediste-me um conselho e vou dar-t'o. Tu queres
Abrir teu coração á mulher a quem amas,
Contar-lhe o que te dóe, julgando que lhe inflammas
A paixão, em ouvindo as coisas que disseres.

Insensato! Imbecil! Teu proprio damno tramas;
E's um tolo, si a tua angustia lhe referes:
Ninguem deve confiar segredos ás mulheres
— Donas ou cortezãs, rainhas ou mucamas.

Quando a tua paixão e a della se esfriarem,
Quando do vosso amor nem as cinzas restarem,
Ella escarnecerá de ti, sem compaixão.

Não lhe reveles nunca a tua intimidade;
Fere-a com teu desdem, trata-a com crueldade:
Trata-se uma mulher como se trata a um cão.

REPLICA

Dizem que, por viver ditoso e sem cuidados,
Não me assiste razão para ser pessimista.
Enganam-se. Com ser brutalmente realista,
Vejo o mundo qual é, não por prismas dourados.

Pouco me importa a mim que a razão não me assista;
Tão pouco meu viver é, dos mais invejados.
Tenho provado o fel da angustia. Desgraçados
Dos que vivem sonhando e d'aguia têm a vista!

Falso e incerto é o julgar-se a alguem por apparencias.
A's vezes, sob a seda occultam-se indigencias
E purpuras de rei dentro de um trapo immundo.

E' preciso, eu vos digo, analysando-o a meúde,
Conhecer o homem-fera, a humanidade rude,
Para dar-se ao desprezo a estupidez do mundo.

Nunca entrarei, jamais, o teu recinto:
Na seducção e no fulgor que exhalas,
Ficas vedada, num radiante cinto
De riquezas, de gozos e de galas.

OLAVO BILAC.

INATTINGIVEL

Ella é um prodigio de riqueza e graça;
E' um fanal majestoso e deslumbrante,
Uma fulgida estrella coruscante,
Uma joia purissima, sem jaça.

E' uma gentil phalena volitante;
Vejo-a sempre em meus sonhos: vôa e passa,
Adeja... pousa levemente... esvoaça...
Tento agarral-a... e foge neste instante.

Louco de amor, persigo-a em toda parte;
E quanto mais me ensaio e extremo em arte
Menos a alcanço em meu esforço vão.

Não gozarei, nunca, a felicidade
De lhe poder violar a virgindade...
Jamais hei de attingir-te, ó Perfeição!

The miserable has no other medicine,
But only Hope.

SHAKESPEARE.

ULTIMO REDUCTO

Quando o amor e, com elle, a fé perdendo vamos
E as nossas illusões, ao sopro dos tormentos,
Quaes andorinhas vão, por azues firmamentos,
Deixando em solitude o agasalho dos ramos;

Da revoada geral dos nossos sentimentos,
No fundo de noss'alma um sempre conservamos,
Como um galho seguro ao qual nos agarramos,
Quando sopram da dôr e da desgraça os ventos.

Sem esse ramo ideal, é sempre certa a morte;
Elle nos offerece a unica segurança,
Da vida na afflicção, contra os vaevens da sorte.

Deveram-lhe os heróes a ousadia e a pujança;
E o moribundo, exangue, ainda é bastante forte
Si ainda tem, a morrer, o amparo da Esperança!

CAVEIRA

Caveira hiantíssima, escancarada,
Que tens um riso preso nas maxillas,
Abre dos dentes teus as duas filas!
Quero ver-te a sorrir, desengonçada...

Muda a attitude immovel e tranquilla;
Descerra o maxillar numa risada!
Solta aos ares sinistra gargalhada,
Ri, caveira, nostalgica sybilla!

Quero sorrir comtigo, muda esphinge,
Nesse riso que os ossos te constringe,
Mixto de acerbas maguas e ironias!

Pois da humana ambição toda a grandeza
Distingo claramente na tristeza
De tuas largas orbitas vazias!

O RIO

Em Ponte Nova

Páro a escutar, da ponte, o rumoroso canto
Da agua clara do rio a rolar no fraguedo,
Em monotono timbre, entre plangente e lêdo,
Onde cuido anda Orpheu a desfazer-se em pranto.

Terá na voz o rio o donoso arremedo
De haustos de um peito que ama, entre o desejo e o espanto?
Ou esconde, quiçá, nas dobras de seu manto,
Uma historia de dôr, um pungente segredo?

Erro no mundo exul da pura idealidade
E de lá vejo então que o teu destino, ó flumen,
E' igual ao que alanceia a pobre humanidade.

E's a corrida eterna, incessante, incansavel,
Para as aguas do mar que a inconstancia resumem,
Para a eterna illusão do Nada formidavel!

A SIEUR CLUBIN

Por longos annos, n'alma represaste
A hediondez do mais torpe sentimento
E um coração bondoso, ao soffrimento
E á alheia dôr sensivel, simulaste.

Por indole anbicioso e truculento,
Fama de caridoso conquistaste:
Para manter tão singular contraste,
Soffreste o mais insano e atroz tormento.

A explosão era, um dia, insopitavel;
E tu'alma proterva, miseravel,
Cheia de infamia, cheia de abjecção,

Numa revolta de sinceridade,
Aberta francamente á claridade,
Mostrou-se em toda a sua podridão.

O JOGO

Vaes, com volupia, as fichas empilhando
E augmentando as paradas com vehemencia:
Tens jogo: *trinca*, *four*, *flesh* ou *sequencia*...
E, imperturbavelmente, vaes ganhando.

Apostas com tão louca persistencia
Que a mesa vae á garra. Eis sinão quando,
A roda da fortuna desandando,
Perdes tudo — mas ganhas... a experiencia.

Como no *poker*, tal é a vida humana:
Uma eterna parada, onde uma insana
Luta os parceiros sustentando vão...

Para se convencerem que, em verdade,
Só ha na vida uma finalidade:
Alimentar a chamma da illusão.

QUASIMODO

Sob a hedionda carcassa e a feição repellente,
Zanaga, surdo, zambro, imbecil, gebo e gago,
Quasimodo occultava um sentimento vago
Que o afastava do monstro e que o tornava gente.

E amou. Da gratidão elle sentia o afago;
Porém, cegou-o o amor, e elle só viu na frente
Um vulto de mulher: fito o olhar no presente,
Olvidou o passado e matou o arcediago.

Oh! contraste genial da tragedia hugoniana!
Symbolo extraordinario a resumir profunda
Philosophia em toda a incognita alma humana!

O sublime casado ao horrendo; a fórma immunda
Recebendo a alma pura! A flamma soberana
Crepitando, a queimar, numa alma de corcunda!

Apezar de todo o egoismo que gela o mundo como os ventos do Norte, toda a familia humana está banhada em um elemento de amor diaphano como o ether.

EMERSON.

OASIS

Por adustos areaes, em longas caminhadas,
Marcha o viandante, avança e, morto de fadiga,
De quando em quando encontra um pouso em que se abriga
Para recuperar as forças exgottadas.

Como o beduino errante, eu tambem, pela intriga
Da vida a fóra, encontro, a espaços, nas estradas,
Refugios ideaes, venturas não sonhadas,
Na fraterna affeição de uma alma pura e amiga.

Então, como o beduino errante do deserto,
Que ditoso bemdiz o oasis entreaberto,
Eu mil vezes bemdigo essa felicidade.

Eu vos bemdigo sempre, almas nobres, serenas,
Que no mundo semeaes venturas a mãos plenas,
Pondo no meu deserto oasis de bondade!

MAGNANIMO

Bemdito aquelle que deplora e esquece
O ultrage, a affronta, o aggravo miserando;
Bemdito aquelle que é feliz e, quando
Os outros vê soffrer, tambem padece.

Bemdito o que, em miseria, do nefando
Alheio mal se sente e compadece,
E tem sempre o consolo de uma prece
Para os que a sorte vae martyrizando.

Bemdito o coração nobre e piedoso
Que se abre em lenitivos ao faminto
E, com fazer o bem, vibra de gozo.

Bemdito o que protege e o que abençôa
E o que, bom por principio e por instincto,
O amigo ingrato e perfido perdôa!

A UM AMIGO

Podes, já, sobre mim, babar a acerba injuria,
Arrastar-me na lama, inquinar-me, impiedoso;
Tudo supportarei: o Rabbino, bondoso,
Soffreu sem se queixar, sem pranto nem lamuria.

Eu esperava, já, o rude golpe odioso,
E recebi-o, crê, sem surpresa e sem furia.
Minh'alma, por que a dôr, por mais atroz, ature-a,
Costuma, superior, demonstrar nisso gozo.

Era justo que assim succedesse, era justo;
Ninguem consegue ser amigo impunemente;
E os sentimentos maus vence o homem sempre a custo.

Depois do afago amigo, a bofetada ingrata.
Perdôo-te, infeliz. Não tens culpa, inconsciente:
E, grato, eu beijo ainda a mão que me maltrata.

Mieux est de rire que de larmes écrire,
Parce que rire est le propre de l'homme.

RABELAIS.

Algumas vezes a tragedia é caricata, é pandega: dá vontade de rir.

O homem é um enigma. Quem sabe quantas raivas eu tenho quando estou rindo?

FORJAZ DE SAMPAIO.

NOVO ARETINO

Eis o afamado mestre da verrina,
De respeitada, temerosa penna;
Honras conspurca, factos envenena,
Caracteres sem macula assassina.

De podridões se nutre, como a hyena;
Um só periodo seu produz a ruina
De quem lhe soffre a baba viperina
Que estilla sempre a sua bocca obscena.

Ninguem, como elle, tanto geito exhibe
Para armar ao effeito uma diatribe;
Calumniador algum tem arte tal.

Na nossa imprensa lobrega, mesquinha,
E' um elemento de primeira linha:
Faz o successo de qualquer jornal.

PHILOSOPHO

E' um talento pujante e multiforme,
E, sabio, verdadeira encyclopedia:
Poeta, orador, já fez uma comedia
E está compondo uma novella enorme.

Mais do que elle não ha quem se conforme
Da sorte com o rigor: janta uma *média*
E, por burlar o estomago em inedia,
Dez ou doze horas quotidianas dorme.

E' um philosopho estoico resignado,
Um Epicteto, um Zeno infortunado
Que a actividade e a inanição consomem.

Si o desleixo, a desidia alguem lhe exprobra,
Ao argumento elle jamais se dobra:
Diz que nem só de pão se nutre o homem.

MESTRES...

De inconcusso direito és o *homem do futuro*.
Acabas de fazer uma revelação.
Na lingua dos brasis déste um tremendo *furo:*
Vieste a praxe mudar de uma conjugação.

Gostei de ver, confesso, o vernaculo, o puro,
O extreme linguajar que na circulação
Lançaste, professor. Vou estudal-o, juro:
— *Fazerei, fazerás, dizereis, dizerão...*

Vae saber português, arre! na Cochinchina.
Puzeste num chinello o Oiticica e os grammaticos
E arrojaste por terra a velha mãe latina.

— *Dizerei, fazerão*... Quanta falta de miolo!...
Professores que taes, apedeutas asnaticos,
Meninos de A B C, recebei-os a bolo!...

LATINISTA

De sabichão terrivel tem os ares
Quando a sabença em catadupa expande:
Fala em *væ victis*, *animus jurandi*,
Modus in rebus, *manus militaris*.

A ninguem cede o *jus esperneandi*
E proclama-se *primus inter pares*;
Dá syllabadas espectaculares,
Abusando do *jus bestiferandi*.

Sabe dizer *arma virumque cano*
E dá como sujeito o accusativo,
Acertando outras vezes... por engano.

Alguem lhe perguntou, com imprudencia:
— Até quando, ó Calino redivivo,
Abusarás da nossa paciencia?

DEMAGOGO

Ha, no seu porte hieratico e severo,
Qualquer coisa de augusto e venerando
Que impõe respeito a quem o escuta, quando
Discursa ás multidões, solenne e austero.

Sapiencia de algibeira vae deitando;
Cita Camões, Voltaire, Horacio e Homero;
Fala em Cesar, Pompeu, Hannibal, Nero;
E os ouvintes, em torno, vão pasmando.

Ganhou fama de sabio. Quando passa,
Cessa todo rumor; enche-se a praça;
Vêm contemplal-o, em massa, as multidões.

A' sua entrada, todos, em tropel,
Vêm saudal-o. Parece Daniel
Penetrando na furna dos leões.

PROF. ALCIDES ROSA

Entre tmeses, ecbthlipses, barbarismos,
Hiatos, anastrophes, polysyndetos;
Entre adjuntos e objectos indirectos,
Synchyses, concordancias, neologismos;

Num turbilhão de verbos, de obsoletos
Etymos a induzir, de extrangeirismos
A mondar, joeirando os archaismos
Da lingua, e a procurar termos correctos;

O lapis — bisturi — na mão sustendo,
Physiologista, cirurgião linguista,
Corrige, emenda, amputa; afan tremendo!

Do ensino tem o enthusiasmo, o fogo;
E' um Pestalozzi ideal vernaculista
E um Hercules Farnesio pedagogo!

O MORALIZADOR

Eil-o, ferula em punho, atrevido, arrogante,
O moralizador do ensino nacional.
Tem porte de feitor; e sob o ferreo guante
Mantem das commissões de exames o pessoal.

E' o chefe, o papa, o rei, o oraculo chibante;
Dá zero á prova escripta e annulla a prova oral;
Suspende juntas, dicta as leis a seu talante,
Com zelos de Catão transformado em vestal.

Approvar, para elle, é hediondo sacrilegio.
Reprovar é o seu lemma; e só no seu collegio
Alumnos pode haver com preparo normal.

De criterio não tem patavina, o magano;
E' a injustiça em pessôa o autocrata Floriano
— O moralizador do ensino nacional.

PEDAGOGO

E's mestre, és pedagogo de valia:
Possues do ensino os magicos segredos;
O ensino é luva: enfias nelle os dedos;
Do avesso viras a pedagogia.

Psychologo, as crianças, em brinquedos,
Instrues: desenho, linguas, geographia,
Ao piano, ensinas, sob a melodia
De valsas lentas, de maxixes lêdos.

Em tuas mãos são titeres. Manobras
Como um gymnasta e, Fregoli pachola,
Em chantre e em contra-regra te desdobras.

Findo o anno, a classe, ao teu saber confiada,
Perdido o tempo, ha de deixar a escola
Sabendo apenas que não sabe nada.

CASTIDADE

A um velho moralista

Gritas pelo dever, pela moralidade,
Bradas pela virtude, ó velho pudibundo,
Empenhas-te por ser palmatoria do mundo,
Desta Gomorrha avessa ás leis da castidade.

Mas usemos, ó ingenuo ancião, casto e facundo,
De um pouco de franqueza e de sinceridade:
Tu tambem tens na guela o pomo da verdade
E é morta essa moral que prégas iracundo.

O' satyro pagão, ó fauno sensualista,
Tira a folha de parra, amigo, e despe a capa
Que usurpaste a Tartufo — o insigne moralista.

Tira a mascara vil, a mascara que tapa
Tu'alma libertina, hypocrita e farcista:
Mostra que és um canalha, um patife de chapa!

EPITACISTA

Da Parahyba «pequenina e bôa»
Veio este imbecilissimo senhor;
Faz *calembourgs*, cultiva o bom humor
E do *aplomb*, em que prima, não destôa.

Não lhe toquem, porém, no proprio-amor...
Do Epitacio não mexam na pessôa,
Que o homem se escandaliza e se magôa,
Pois do Grão Topetudo é admirador.

Tirando-lhe o Epitacio e a Parahyba,
Não tem melindres, não se agasta e atura
Um *jeu de mot* que se lhe atire em riba.

Queres que te ame? Aos ventos aprégôa
Os progressos, o merito, a cultura
Da «Parahyba pequenina e bôa»...

SI EU FOSSE REI...

Si eu fosse rei, si eu fosse imperador,
As redeas de um governo nas mãos tendo;
Si eu fosse um truculento dictador,
Fazendo tudo quanto bem entendo;

Si eu fosse um absoluto e grão-senhor,
Mandando sempre e nunca obedecendo,
Podendo do ouro publico dispôr,
Meus caprichos reaes satisfazendo;

Si eu fosse um cruel despota, um tyranno,
Voluntarioso, ignobil, deshumano,
Orgulhoso, ladrão, venal e vil;

Um governo faria mais clemente
Que o que fez o ferrenho presidente
Epitacio Pessôa no Brasil.

BRASILEIDA

Terra de Santa Cruz, onde a banana,
Como os talentos, prolifera *á bessa;*
Terra em que a primavera nunca cessa;
Terra do côco, do feijão, da canna;

Terra de Jecas; terra da chicana,
Do *pistolão*, do *bluff* e da promessa,
Da commoda e fatal falta de pressa;
Terra que é para o mundo a mãe Joanna;

Terra de Ruy, Floriano e Affonso Coelho,
Onde têm todos ogeriza ao espelho;
Terra de poetas e versejadores;

Terra de macaquitos e mulatos;
Terra mãe de politicos e ratos;
Terra de funccionarios e doutores!

CRITICO

Notas defeito em tudo; com ferinas
Palavras de censura, contundentes,
Achas que todos são incompetentes
E de plagiarios os demais inquinas.

E, muito embora theses taes sustentes,
Critico! — esqueces de apontar as finas
Joias de arte que crêas e destinas
A' esthesia dos genios refulgentes!

Este é imbecil; aquelle é nullo; idiotas
São os outros; mediocres os restantes...
Tu... planas alto, nas regiões ignotas!

Tudo esmiuças; semelhas, quando julgas,
Com teus modos de ver intolerantes,
Um catador de piolhos e de pulgas!

Ce dieu brait, celui-là rugit, celui-ci beugle ;
C'est pourquoi l'idéal de l'homme est d'être aveugle,
Ténébreux, vil, féroce, ignorant, odieux,
Afin d'être aussi près que possible des dieux.

VICTOR HUGO.

A CADELLA

No banquete do Céu um dia tomei parte.
Tartufo, o moralista, é que era o amphitryão.
Fazia de Vatel são Pedro, o Malazarte.
Baccho, de puro Cos, trouxera provisão.

Milhões d'almas ali estavam, convidadas.
Mesas, numa extensão de trezentos hectares.
Era a mais colossal das santas patuscadas.
Lia-se immenso assombro em todos os olhares.

Vinte constellações por Deus foram mandadas
Para a illuminação, *a giorno*, do festim.
As cozinhas do Céu foram mobilizadas.
Babylonia jamais deu um banquete assim.

Para o enorme jantar foram assassinados
Quatrocentos milhões de incredulos e atheus.
Do Inferno os caldeirões tomaram-se emprestados,
Mediante uma caução assignada por Deus.

A mesa que me coube era a mais afastada
E nella, justamente, era-me commensal
Uma linda mulher, de branco — alguma fada —
Em cujo olhar luzia uma candura ideal.

A principio, senti ineffavel enleio;
Via e ouvia em redor, sem nada comprehender.
De minha companheira arfava o lindo seio.
Ouvi-a, a certa altura, olhando-me, dizer:

— Mancebo, em que pensaes, que vos vejo tão triste?
Dir-se-ia que viveis soffrendo, acabrunhado.
E' uma mentira a dôr; só a ventura existe.
Só se sente infeliz quem se crê desgraçado.

Vêde a alegria pura, espiritual, sadia,
Que ha no profundo olhar cheio de fé immensa
Dos que em convivio estão nesta piedosa orgia:
Esta gente aos grilhões do soffrimento é infensa.

As almas que se vêem neste festim radiante
Não descendem da raça audaz dos Prometheus,
Não vêm do Purgatorio ou do Inferno de Dante,
Sairam puras das mãos sacrosantas de Deus.

Sois o unico mortal que da Terra aqui vem.
Este é o immenso paiz da Bemaventurança;
Na porta esta inscripção, em igneas letras, tem:
— Vós que entraes, achareis a perdida esperança.

— Quem sois vós? perguntei, encantado devéras.
E ella me respondeu, com ideal expressão
Onde fulgia a luz de eternas primaveras:
— Sou da Ventura a deusa, e chamo-me a Illusão.

*
* *

Uma cadella magra, esguia, macilenta,
Que estava, até então, sob a mesa a apanhar
Os sobejos que ao chão cahiam, mas que attenta
Ouvia, ergueu o sujo e merencoreo olhar

E deixou, uma a uma, escorrerem, pausadas,
Sobre o meu grande pasmo, estas palavras rudes:
— Odeio estas boçaes e hypocritas farçadas,
Occultas sob a capa infame das virtudes.

Contempla, meu amigo, a completa mudança
Que se operou em cada apparencia de santo.
Olha como é o paiz da Bemaventurança...
Lançei o olhar á roda, então, cheio de espanto.

Tudo se transformara. Os deuses, fantasiados,
Rebolavam no quebro immundo do cancan.
E os santos, ao pescoço os guisos pendurados,
Sapateavam ao som da musica pagã.

Era uma bacchanal. São Pedro, seminú,
Fazia, em volta ao côro, uns tregeitos obscenos.
As virgens — onze mil! — giravam no lundú
E a orchestra angelical bufava a pulmões plenos.

Deus veio á scena, emfim, vestido de Gavroche.
Cortara cerce toda a austera barba branca
E vinha tomar parte agora no deboche,
Desvergonhado, rindo em casquinada franca.

* * *

A cadella me disse então, sentenciosa:
— Isso que vês ahi é a verdade da vida,
Crua, sem fantasia ou moral enganosa,
Sem falsas convenções — realidade vivida.

E' tal qual, a imbecil moral contemporanea
Que a illusão acoberta e a hypocrisia occulta.
Commigo essa moral jamais é consentanea;
Mostro-lhe o lado pôdre á gente incauta e inculta.

Essa moral perversa odeia-me. Revela
Minha indiscreta lingua os mais fundos arcanos.
Sou, com toda razão, a incommoda cadella
Que ladra com furor contra os lobos humanos.

Esta minha feição, decerto, é repellente;
Causo um doido *frisson* á zebra Humanidade.
Sou dura, fera, brava, altiva, intransigente;
Sou a cadella gafa, e chamo-me a Verdade.

INDICE

INDICE

Pgs.

Apresentação 7
Messalina 9
Invicto 11
Estoico 13
O chacal 17
Ao burro 19
Iconoclasta 21
Symbolo 25
Amigos 27
Ao cão 29
Precito 31
Les morts vont vite 33
Illusões 37
Paço de crystal 39
Escalada 41
Loucos 45
Meu credo 49
A gratidão 51

Pgs.

Reptis 53
Dura verdade 57
Explicação 61
Sensualismo 63
Honra 65
Salomé 67
O vicio 71
Conselho 73
Replica 75
Inattingivel 79
Ultimo reducto 83
Caveira 85
O rio 87
A sieur Clubin 89
O jogo 91
Quasimodo 93
Oasis 97
Magnanimo 99
A um amigo 101
Novo Aretino 105
Philosopho 107
Mestres 109
Latinista 111
Demagogo 113
Prof. Alcides Rosa 115
O moralizador 117
Pedagogo 119
Castidade 121
Epitacista 123
Si eu fosse rei 125
Brasileida 127
Critico 129
A cadella 133

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
000038498 84